

# Capixaba não conhece as ilhas em torno de Vitória

Cláudia Feliz

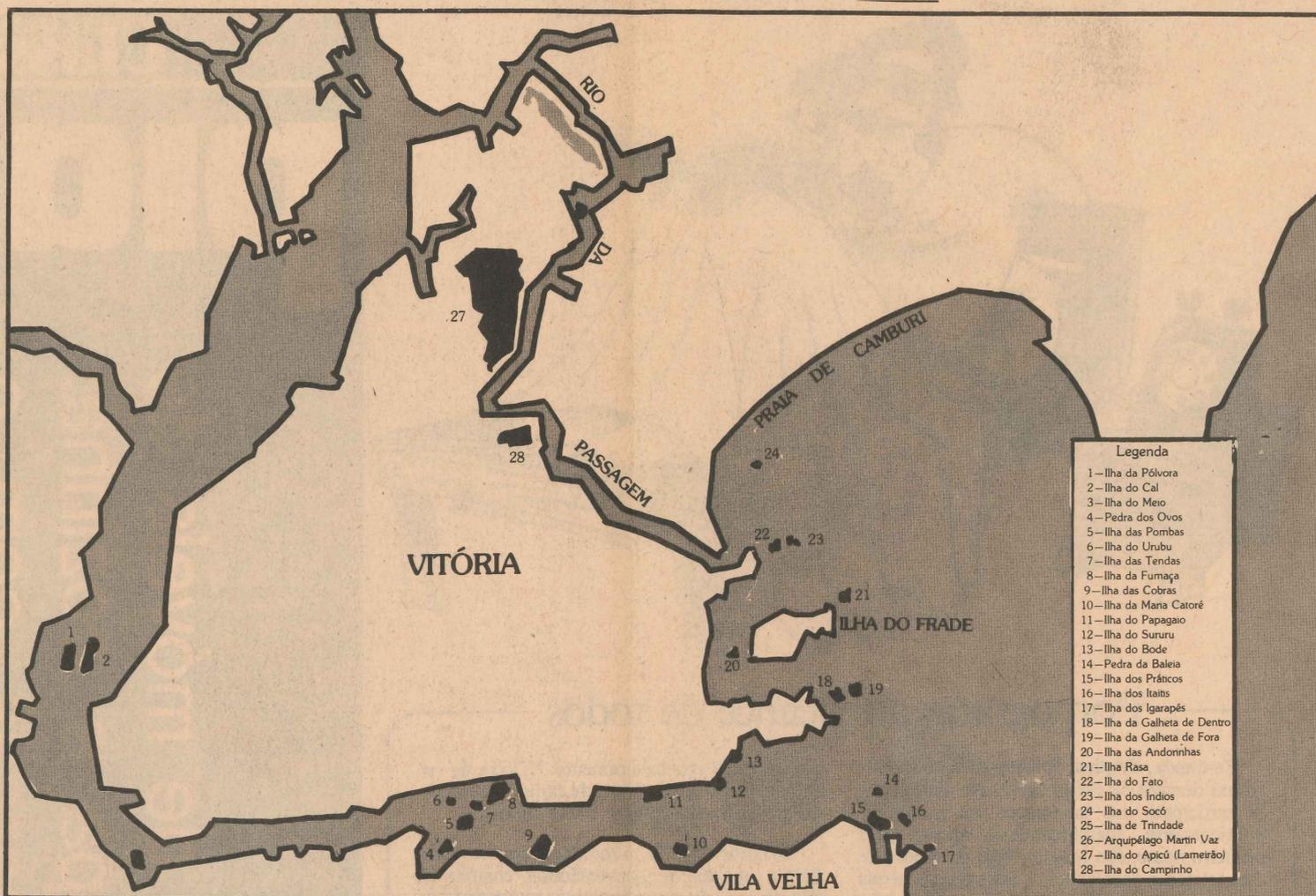
Quem nunca sonhou em morar numa ilha, em meio à total tranquilidade? Longe da poluição sonora, principalmente, protegido do stress gerado pela vida frenética das cidades... Vitória, capital do Estado, é uma ilha, mas que de paradisíaca, com certeza, não tem nada. A ligação com o continente e o processo desordenado de ocupação, ao longo do tempo, causaram completa alteração em suas características iniciais. Mas a baía de Vitória, admirada por sua beleza, mantém guardados pequenos paraísos, desconhecidos da grande maioria das pessoas que não têm a oportunidade de observá-los através de um passeio de barco. Sob jurisdição da capital existem 28 ilhas e pedras, 12 das quais tombadas pelo patrimônio municipal e diversas consideradas áreas de preservação permanente. Em pelo menos cinco ilhas há pessoas morando, a maioria enfrentando um dia-a-dia onde as dificuldades ficam por conta da inexistência de redes de água e energia elétrica.

Nem todas as ilhas têm aquela imagem típica sonhada por quem se imagina morando numa delas. A do Meio, por exemplo, é um aglomerado de rochedos expostos sobre uma única base, o que fica localizada próxima à Segunda Ponte. Apenas algumas bromélias quebram a frieza dos rochedos, sempre utilizados por pichadores, principalmente em época de campanha eleitoral. A das Tendras, próxima ao terminal Dom Bosco, também dispõe de pouca vegetação, assim como a do Urubu, onde se destaca um farol vermelhc, de auxílio à navegação. Mas mesmo essas ilhotas apresentam muita beleza quando observadas num passeio de barco.

O privilégio de poder admirar a beleza das pedras e ilhas sob jurisdição do município de Vitória — de cuja relação fazem parte a Ilha de Trindade e o arquipélago Martin Vaz — contudo, só é garantido a quem pode pagar pelo aluguel de uma embarcação para um passeio exclusivo. Só assim é possível observar suas variadas formas e tamanhos, constatando também a presença de pessoas que frequentam e vivem nesses locais.

## Mergulhos semanais

Mas como algumas ilhas ficam próximas da praia, há quem consiga chegar até elas a nado, embora a grande maioria das pessoas vistas nas proximidades desses locais sejam pescadores, em seus pequenos barcos. Distantes pouco mais de 500 metros da Ilha do Boi (o nome se manteve mas o bairro já está ligado à cidade por uma estrada), na direção do Clube Ítalo Brasileiro, as ilhas Galhetas de Dentro e de Fora atraem pes-



## Empresário criou seu paraíso

Em 1975, quando comprou a Ilha dos Práticos (ou da Baleia, por estar próxima a pedra do mesmo nome), o empresário João Carlos Rodrigues e sua mulher Lucinha deram início a um verdadeiro processo de criação do espaço "especial", que viria a se transformar, no futuro, local de residência da família. A grande pedra com pouca vegetação recebeu toneladas de terra preta, 300 pés de coqueiros, frutas, flores, ganhou uma confortável residência e redes de água, luz e telefone. A 400 metros de distância da Praia do Ribeiro, na Praia da Costa, só mesmo de barco se chega até a ilha, "refúgio" dos Rodrigues, que garantem preservá-la de qualquer ato que possa significar destruição da natureza.

"Ali não se entra nem com estilingue e toda a família tem consciência de que o mar não pode ser o lixo do mundo", diz o empresário, que garante tratar todos os efluentes da casa na própria ilha, para que o esgoto não polua o mar. O refúgio já despertou interesse até da modelo e animadora da TV Globo, Xuxa Meneguel, que enviou, há dois anos, um emissário especial a

Vila Velha, interessada no imóvel. Rodrigues não o vendeu e garante não fazê-lo nunca, "porque ele não tem preço".

Esse pequeno paraíso tem habitantes levados para lá especialmente para desfrutar de toda a liberdade. 12 casais de pequenos macacos, várias lebres, gansos, galinhas de Angola "fazem a festa" ali dentro. Rodrigues tem vontade de ampliar a fauna com uma arara, mas rejeita a idéia de manter qualquer bicho numa gaiola. "Tudo o que vejo de interessante em minhas viagens para o exterior levo para a ilha, como as plantas tropicais por exemplo. Já trouxe algumas até do Havai", diz o proprietário, sempre lembrando que tudo ali foi construído em harmonia com a natureza.

O empresário assegura que nunca sonhou ser senhor absoluto num espaço só seu, numa referência a idéia de poder que tal fato possa significar. E seus três filhos e sua mulher, que com ele se dividem entre a casa na Praia da Costa e a ilha, segundo Rodrigues, não permitiriam nunca que a "Ilha da Baleia", mudasse de dono.

Fotos de Chico Guedes



## Crise adia plano de abrir hotel

Não havia sonho, fantasia. Há 20 anos, quando compraram a Ilha do Fato, bem próximo do Colégio Sacré Couer e da ponte de Camburi, José Usiélio Neiva e seu sócio, Luiz César De Biase, tinham em mente a execução de dois projetos: um clube ou um hotel. Mas anos se passaram e a crise econômica inviabilizou ambas as propostas, depois de Neiva e De Biase terem dado início a providências como o nivelamento do terreno. Nos 12.400 metros quadrados da ilha, quem mora é o casal Alonso Correia de Oliveira e Vera Lúcia, que tem quatro filhos adultos. Todos habitam uma pequena e velha casa de madeira.

Assim, a ocupação é garantida enquanto Neiva, de quem o caseiro Alonso é empregado, aguarda mudanças na economia nacional que o ajudem a viabilizar um dos projetos já idealizados para a região. Nos finais de semana, o empresário diz que leva os filhos para a ilha, onde há árvores frutíferas. Ali Vera Lúcia reforça o orçamento doméstico catando mariscos para a venda.

Como fica próxima do morro onde estão localizados o colégio Sacré Couer e o Hotel Pousada, em períodos de maré baixa o caseiro garante ser possível chegar à ilha caminhando sobre pequenas pedras e bancos de areia. De lá, pode-se ver o mar azul, gaivotas, peixes que passam em cardume... Não há água encanada e luz elétrica, mas o rádio de pilha está sempre ligado.

## Rádio é único lazer há 30 anos

Próximo ao terminal Dom Bosco, na Avenida Beira Mar, há mais de 30 anos a vida corre tranquila para a família Patrocínio. É ela quem detém a posse sobre a Ilha das Pombas, onde a vegetação é farta e a falta de água corrente e luz elétrica não são empecilhos. Há menos de 15 dias a mulher de um dos moradores das duas casas da ilha, Dulcio Rangel do Patrocínio, 28 anos, teve mais um bebê, e ele garante que nada motiva sua família a deixar o local.

"Isso aqui é tranquilo demais e é dessa vida que a gente gosta", diz Dulcio, cujo pai, já falecido, era um catraeiro que criou os oito filhos na ilha, antigo estaleiro de reparo de embarcações. Dulcio pesca, conserta pequenos barcos, e diz que sua mãe, aos 65 anos de idade, ainda se desloca de casa para a cidade remando o próprio barco. "Aqui aos quatro anos a criança já está nadando e a diversão é mesmo o rádio de pilha", diz ele.

A água para preparo dos alimentos, lavagem de roupa e banho, é transportada em tonéis, nos dois barcos de propriedade da família. Nos finais de semana, há sempre curiosos e adeptos de churrascos à beira-mar que permanecem na prainha. "O pessoal aluga barco com pescadores e vem aqui ver como a gente vive", diz Dulcio.

E, nas conversas, a principal justificativa para a permanência dos moradores na ilha é a tranquilidade que o local proporciona. "Ninguém nos perturba aqui. Todo dia é sempre essa calma", diz o rapaz, embora lembrando algumas situações nada tranquilas, como o nascimento do seu segundo filho há poucos dias. Sua mulher entrou em trabalho de parto à noite, ainda na ilha, quando teve a bolsa rompida. Dulcio a levou de barco a remo, com contrações, até a Beira-Mar. Então, dali o casal seguiu, de ônibus, até a Santa Casa, na Vila Rubim. "No fim deu tudo certo", diz Dulcio, sorrindo.

Título só vale  
anterior a 1946

Em todo o país calcula-se que a União

Para Crisógono,  
o sonho acabou

em seus pequenos barcos. Distantes pouco mais de 500 metros da Ilha do Boi (o nome se manteve mas o bairro já está ligado à cidade por uma estrada), na direção do Clube Ítalo Brasileiro, as ilhas Galhetas de Dentro e de Fora atraem pescadores e mergulhadores amadores. Gente como os irmãos Gelson e Gilberto Salaroli que garantem nadar até as duas grandes pedras sempre em períodos de lua cheia. Gelson mergulha e Gilberto fica sentado sobre as pedras, à espera de um peixe grande.

De vez em quando também podem ser vistos banhistas solitários na Ilha do Socó, em frente à praia de Camburi, onde também não existe vegetação. Além de pessoas, as ilhas atraem também outro tipo de visitantes: andorinhas do mar, que migram dos Estados Unidos para o Brasil e chegam em abril para usar as ilhas de Vitória e Vila Velha, como locais de desova. Isso acontece, por exemplo, na Socó e na das Tendas.

O pescador Manoel Messias das Neves, o **Manduca**, que vive do mar desde 1951, admite que pouco observa as pedras e ilhas em sua rotina diária. Seu barco fica ancorado no terminal da Praia do Suá, bem ao lado da Ilha do Papagaio, já ligada à terra, e ele diz que não gosta de transportar pessoas para passeios pela baía ou piqueniques nas ilhas. "Tem gente que quer levar bebida e mar não combina com isso não", diz ele.

### Preservação

O geógrafo da Prefeitura de Vitória, Willis Faria, que conhece pedras e ilhas desde a entrada da baía, detalhadamente, diz que a dificuldade de acesso a esses locais contribui para preservá-los. "Ilha habitada corre mais risco de ser depredada", diz ele, citando as 12 tombadas pelo patrimônio municipal em fevereiro de 1987: as ilhas do Cal, da Pólvora, do Urubu, das Cobras, do Bode, da Baleia, Galhetas de Dentro e de Fora, do Fato, Rasa, Socó, e das Pombas. O tombamento restringe o uso do local, para preservá-lo.

Já a família Guimarães, dona da Ilha da Fumaça, pensa em urbanizar o local, executando ali um projeto que respeite as características do lugar.

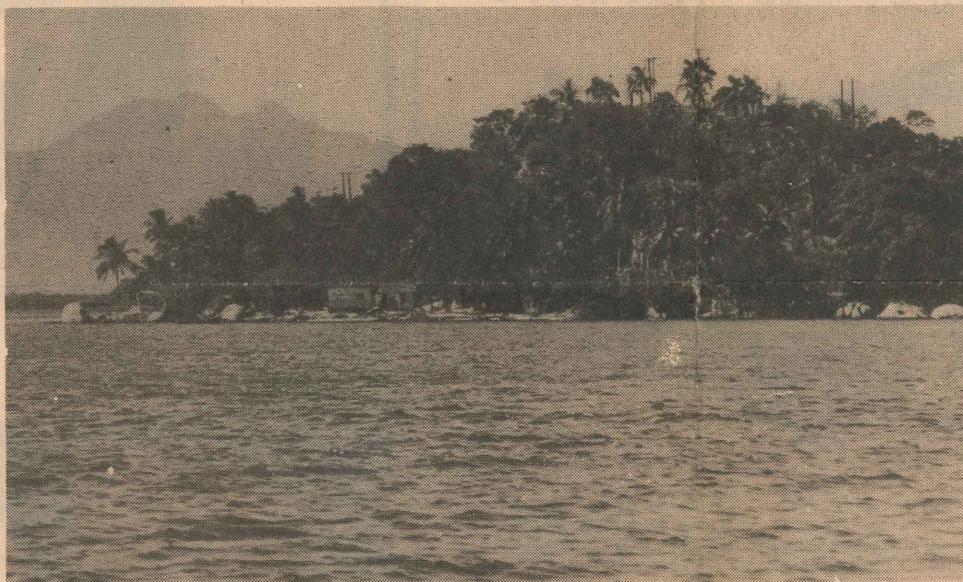
## Médico espera a aposentadoria

O médico Américo de Oliveira, no início da década de 40, era visto, sistematicamente, num barco, seguindo rumo ao hospital Oswaldo Monteiro, na Ilha da Pólvora, nas imediações do bairro Santo Antônio. Antes, quase sempre acompanhado do filho Tabajara, ainda menino, parava na Ilha do Cal, para dar assistência às pessoas portadoras de hanseníase, deixadas no local, então chamado de leprosário. Anos se passaram e o Estado construiu uma nova colônia, com hospital para hansenianos, em Itanhenga, e a Ilha do Cal foi queimada e abandonada. O médico, então, a comprou e hoje ela é mantida pelo também médico Tabajara Ribeiro de Oliveira, que a herdou do pai, e que pretende fixar moradia no local dentro de uns três anos.

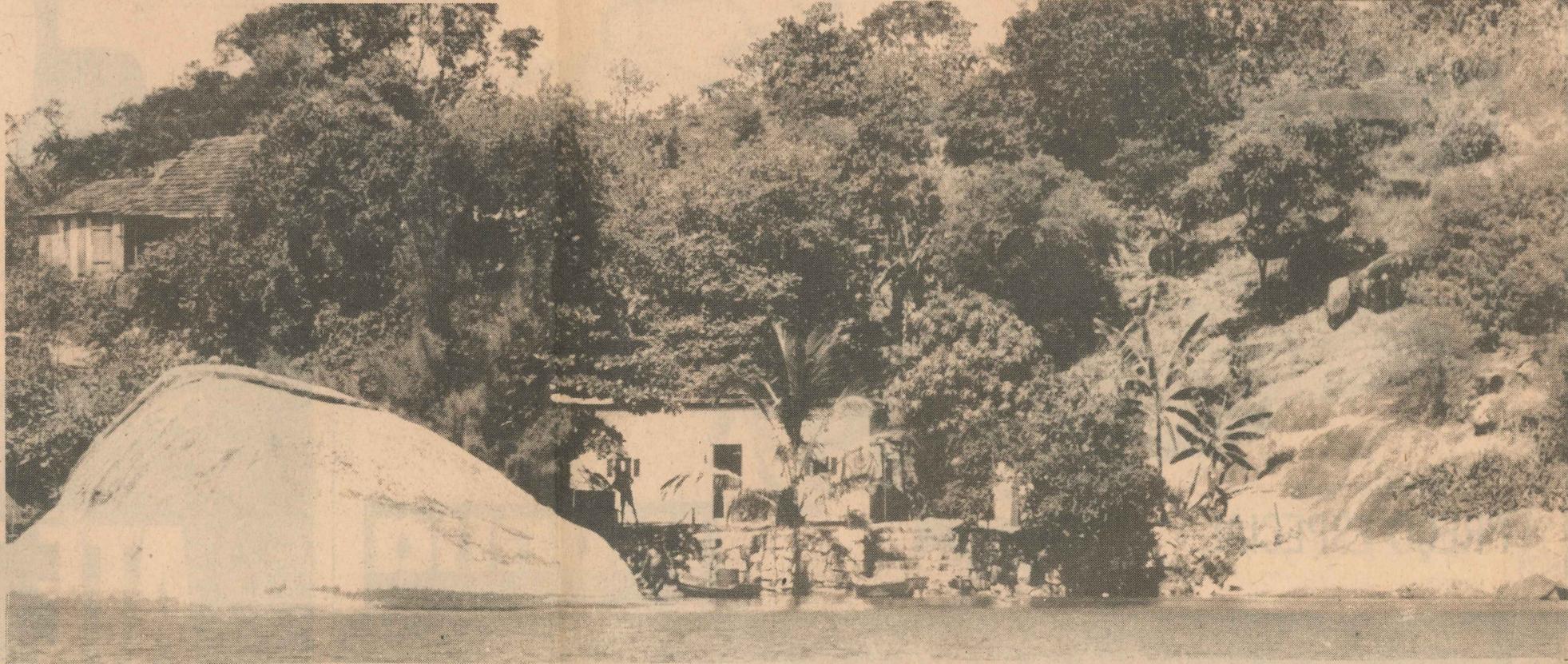
Tabajara, um anestesista em vias de se aposentar, mantém na ilha um caseiro com mulher e duas crianças, numa casa rústica. Assim ele evita que o local seja invadido, embora afirme que são freqüentes os roubos de frutas na extensa área, onde há até um poço com água potável. Não vai ser difícil para o médico dotar o local de luz elétrica já que a rede da Escelsa, que atende o hospital Oswaldo Monteiro, passa sobre sua propriedade. Por isso ele já planeja a construção da nova casa a partir do ano que vem.



Na Ilha da Baleia, João Carlos Rodrigues construiu o refúgio para a sua família



A Ilha do Doutor Américo tem um caseiro para evitar que o local seja invadido



Na Ilha das Pombas, perto do Dom Bosco, a vida é tranquila para os moradores das duas únicas casas, e a falta de energia elétrica e de água corrente não preocupa

## Para Crisógono, o sonho acabou

Em todo o país calcula-se que a União disponha de dois milhões de imóveis, mas apenas 200 mil são inscritos no Serviço de Patrimônio da União (SPU). Entre esses imóveis estão as ilhas. Ninguém pode se dizer dono de uma delas se não apresentar documentação legal que assim o comprove, conforme explica o secretário do Patrimônio da União, Leonel Carvalho de Castro.

Envolvido com um relatório a ser enviado para a direção geral do órgão, o delegado do SPU no Estado, Ruy Grave, não deu entrevistas, alegando ainda dificuldades para fornecer informações com maior agilidade, tendo em vista o fato de o computador do escritório local estar quebrado há um ano. No Rio de Janeiro, porém, Leonel de Castro explicou que, normalmente, as ilhas estão ocupadas por pescadores ou exploradores de sal e coco, que chegam a comercializar o direito de uso para outras pessoas.

### Origem

O problema, diz o secretário, é que há casos em que o título não é de boa origem, por não ter sido outorgado por órgão competente. Se o título de propriedade é anterior a 1946, tem valor legal para garantir o direito sobre a coroa da ilha (sua parte interna), já que o que a circunda é terreno de Marinha. Sendo assim, ninguém pode ser impedido de ter acesso à praia numa ilha.

Há também casos em que a pessoa está inscrita no SPU como ocupante de uma ilha, mas não detém sobre ela propriedade. O usuário paga anualmente ao SPU, pela ocupação, 2% do valor do imóvel enquanto aquele que detém o título de aforamento da área recolhe apenas 0,6% anuais.

## o sonho acabou

Longe de mar azul, já na região de mangue no Contorno de Vitória, no início da década de 70, o empresário e ex-prefeito da capital Crisógono Cruz comprou a Ilha do Gaspar, com quase 250 mil metros quadrados, logo ligada à estrada através de uma passarela de madeira sobre o mangue, mais uma alternativa de acesso, além da canoa. Na época, a região dispunha apenas de vegetação e água e, empolgado, Cruz encomendou ao urbanista e arquiteto carioca Maurício Roberto estudos preliminares visando implantar ali um loteamento "classe A".

Mas o sonho de uma ilha com marinas, canais dragados para passeios de barco, etc, acabou para Cruz e seu sócio no empreendimento, Luiz Buaiz, quando, por volta de 1977, São Pedro começou a ser invadido por milhares de famílias carentes, vindas da periferia da Grande Vitória, Sul da Bahia e Leste de Minas Gerais. Há quatro anos, Crisógono Cruz não visita a Ilha do Gaspar.

### Estrada

A estrada — rodovia Serafim Derenzi — que o ex-prefeito construiu, dando acesso à região, na expectativa de ver migrar para lá o desenvolvimento urbano — ele foi acusado de fazer a obra para beneficiar sua ilha, mas nega essa intenção —, acabou ajudando a levar uma enorme favela para o Contorno da Cidade, jogando por terra o sonho do loteamento "classe A".

A ilha, de onde se vêem barracos e lixo, isoladamente é um local apazível, com farta vegetação, onde Crisógono Cruz mantém uma família que mora no local há quase nove anos.